



## **Dossiê**

### **Arte em tempos sombrios**

#### **Organizadores:**

Felipe de Paula Souza (UFSB)

Jorge Henrique da Silva Romero (UNIFESSPA)

Ednaldo Cândido Moreira Gomes (UFAL)

## **APRESENTAÇÃO**

Ao refletir sobre as relações entre Arte e Política, Jacques Rancière afirma que “a arte é considerada política porque mostra os estigmas da dominação, porque ridiculariza os ícones reinantes ou porque sai de lugares próprios para transformar-se em prática social” (RANCIÈRE, 2008, p. 52).

Dessa forma, a Arte é capaz de reestabelecer os laços entre os indivíduos e, em simultâneo, contrapor-se aos discursos dominantes e às tentativas de controle social. Sendo assim, os modos de se figurar, de se expressar, e de criar artisticamente (*poiesis*) sempre representam ameaças ao sistema dominante, pois, além de desnudar os mecanismos hierárquicos e a rigidez das convenções sociais, a Arte produz o efeito de catarse tanto no sentido aristotélico (purificação) quanto no sentido psicanalítico

(libertação de sentimento reprimido e método de se trazer à consciência recordações recalçadas).

Nessa perspectiva, Ray Bradbury (1920 – 2012), em seu romance Fahrenheit 451, criou uma sociedade distópica que impediria o acesso aos livros, proibidos pelo Estado e destinados ao fogo pelos bombeiros que se ocupariam de encontrar esses objetos que representariam enorme perigo. A obra pode ser lida como alegoria moderna que apresenta os livros, sobretudo a arte, como potencialmente subversivos, necessitando-se assim de extremo controle para o ordenamento social.

Em tempos sombrios, as chamas devoram os livros, filmes, museus, e em meios as cinzas nos resta uma pergunta: por quais razões os regimes totalitários, as ditaduras e os estados de exceção consideram a arte perigosa para os seus desígnios?

Este dossiê da Revista Cadernos Cênicos apresenta 03 textos que procuram refletir sobre a relação entre a arte e sociedade, assim como as múltiplas tensões e desdobramentos que podem existir neste campo.